

O ESG NAS ORGANIZAÇÕES DE SAÚDE: CONCEITOS E PRÁTICAS INOVADORAS

Valdice Neves Pólvara

RESUMO

O objetivo deste capítulo é realizar uma análise sobre os avanços da implantação do ESG nas organizações de saúde, tendo como referência artigos publicados e relatórios que demonstram experiências bem-sucedidas na área de saúde. Mas, o que vem a ser a sigla ESG – *environment, social, and governace* (ambiente, social e governança)? Ela está relacionada à sustentabilidade que deve ser o ponto focal das organizações e empresas no longo prazo. No cenário mundial, esse tema vem se mostrando de extrema importância para o desenvolvimento social, preconizado pelos organismos internacionais. Dessa forma, serão abordados os conceitos que englobam o ESG, bem como a sua importância na área de saúde e a razão da preocupação dessas organizações no sucesso de seus negócios, nas três vertentes que fazem parte do contexto ESG, ou seja: ambiental, social e governança.

Palavras-chave: economia circular; educação em saúde; empresa responsável; responsabilidade social; desenvolvimento sustentável.

APRESENTAÇÃO

De acordo com Guilherme Schettino, pneumologista e diretor do Instituto Israelita de Responsabilidade Social (IIRS) do Hospital Einstein, é essencial que o sistema de saúde faça parte das discussões sobre o ESG, mas também que seja agente de transformação, possibilitando a inclusão social, por meio da equidade em saúde. Nesse contexto, se faz necessário que o sistema de saúde, englobando as iniciativas privada e pública, façam parte das discussões sobre o ESG.

Outro ponto significativo, que deve ser discutido e considerado estratégico para as organizações, é o impacto das mudanças climáticas que afetam a saúde das pessoas, portanto, a formalização de compromissos entre os países com o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e demais agentes envolvidos no processo devem ser considerados prioridade no planejamento de ações que impactam na saúde da população.

Assim, cada vez mais as práticas associadas a aspectos ambientais, sociais e de governança serão cobradas pelos *stakeholders*, que englobam: consumidores, investidores, governo e clientes.

INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre o ESG, mas o que essa sigla significa no contexto atual das organizações? Irigaray e Stocker (2022) colocam que as questões ambientais, sociais e de governança (ESG) permeiam cada vez mais as decisões das organizações, no sentido de atender às expectativas da sociedade e de seus *stakeholders*.

Nesse aspecto, definem ESG como:

um conjunto bastante amplo de questões, desde a pegada de carbono até as práticas trabalhistas e de corrupção, que justificam a criação de critérios e práticas que direcionam o papel e a responsabilidade dos negócios em direção aos fatores ambientais, sociais e de governança corporativa (Irigaray; Stocker, 2022, p. 1).

O surgimento da sigla ESG ocorreu em 2005, resultado de uma iniciativa liderada pela Organização das Nações Unidas (ONU), que propunha diretrizes e recomendações sobre como contemplar questões ambientais, sociais e de governança na gestão de ativos, serviços de corretagem de títulos e pesquisas relacionadas ao tema, e segundo Irigaray e Stocker (2022), a base teórica e a justificativa conceitual de grande parte dos estudos de ESG estão relacionadas ao que conhe-

ceiros como responsabilidade social empresarial (RSE) ou responsabilidade social corporativa (RSC).

É interessante destacar que, conforme citado por Irigaray e Stocker (2022), autores como William Frederick (1960), Joseph W. McGuire (1963) e Archie B. Carroll (1999) já postulavam que as empresas deveriam assumir certas responsabilidades perante a sociedade, as quais se estendem para além de suas obrigações legais e econômicas.

Nesse aspecto, para que um negócio seja considerado socialmente responsável, deve pautar suas ações por uma gestão ética e contemplar questões como a qualidade de vida dos seus empregados, o relacionamento com os *stakeholders* e a redução de impactos negativos na comunidade e no ambiente, eventualmente causados por suas operações.

A ONU criou, no ano de 2000, o Pacto Global, cuja iniciativa visa incentivar e mobilizar empresas e instituições de forma global a adotarem políticas de RSC e de sustentabilidade em suas estratégias e operações.

A adesão ao Pacto Global se dá de forma voluntária e busca promover um amplo debate para o desenvolvimento de um mercado global mais inclusivo, nas áreas descritas na Figura 13.1.

Figura 13.1 – Pacto Global.



Um dos aspectos importantes nas organizações globalizadas consiste nas práticas adotadas, ou seja, a substituição do fator meramente econômico para o termo governança corporativa, o que amplia a visão e não somente o resultado comercial, bem como a transparência, o *compliance*, a conduta corporativa e o combate à corrupção.

O ESG está se solidificando porque as empresas tendem a ser avaliadas por seus *stakeholders*, ou seja, as partes interessadas, em relação ao seu desempenho no mercado cada vez mais competitivo e, também, em relação aos seus valores e conduta, aspectos esses que não são financeiros.

Dessa forma, o ESG parte da premissa de que a prática e a conscientização das partes interessadas em relação às questões ambientais, sociais e de governança, se não forem devidamente tratadas pelos tomadores de decisão de forma estratégica, irão impactar nos resultados organizacionais.

1. ESG NAS ORGANIZAÇÕES DE SAÚDE

Pereira *et al.* (2021) colocam que o ESG pode ser caracterizado como fatores ambientais, sociais e de governança (Figura 13.2).

Figura 13.2 – Pilares do ESG.



Esses fatores são usados para medir o desempenho sustentável das organizações. Contribuindo com o tema, Costa e Ferezin (2021) colocam que, nas organizações, tem se discutido fortemente o conceito do tripé da sustentabilidade ou em sua forma original *triple bottom line*, termo desenvolvido pelo sociólogo inglês John Elkington, em 2001. Os autores mencionam que a sustentabilidade é vista na atualidade como um fator primordial nas decisões dentro das organizações, sendo um aspecto cada vez mais valorizado e discutido no ambiente corporativo.

A seguir, detalharemos um pouco mais os conceitos desses fatores.

1.1. Fator ambiental

Pereira *et al.* (2021) apresentam como megatendência organizacional a questão da sustentabilidade, a qual representa uma ação muito importante na criação de estratégias competitivas para as empresas. Nesse aspecto, o comportamento de uma empresa dedicada ao ESG reflete sua consciência ambiental, o que levou, nas últimas décadas, a uma preocupação com as questões ambientais que impulsionaram a criação de valor nas organizações e para suas partes interessadas.

Pereira *et al.* (2021) comentam:

As empresas que colaboram em questões ESG também reúnem recursos para reduzir o impacto ambiental adverso de suas operações, como a implementação de atividades para reduzir a poluição dos processos de produção e do uso de produtos químicos, resíduos, armazenamento e eliminação (Pereira *et al.*, 2021, p. 4).

Podemos considerar que os fatores relacionados ao meio ambiente incluem, segundo Pereira *et al.* (2021), emissões, uso de água, poluição da água, resíduos, uso de recursos renováveis e não renováveis, entre outros.

Na área de saúde, quando falamos da questão ambiental, os resíduos vêm à tona, haja vista que a utilização de materiais descartáveis é comum e necessária nessa área. No entanto, segundo a OMS, os números são preocupantes, pois estima-se que, com a pandemia de covid-19, por exemplo, foram enviadas cerca de 87 mil toneladas de equipamentos de segurança, cuja maioria tiveram o lixo como destino final.

A preocupação com resíduos não se restringe apenas aos hospitais, que lidam com agentes contaminantes, substâncias químicas, elementos radioativos e materiais perfurocortantes, mas também com o descarte dos resíduos comuns que estão presentes na maior parte das residências, por exemplo, lixo orgânico e lixo reciclável, que precisam de condições adequadas para o seu armazenamento e descarte.

O impacto do setor de saúde no meio ambiente é enorme, conforme destaca Daniel Périgo, gerente sênior de Sustentabilidade do Grupo Fleury. Globalmente, as empresas da área de saúde são responsáveis por 4,4% de toda emissão de CO₂, de acordo com estudo da ONG *Health Care Without Harm*, que em tradução para o português, significa Saúde Sem Dano. O levantamento indica que, se o setor fosse um país, seria o quinto que mais emite. Conheça o estudo completo da ONG *Health Care Without Harm* (versão em inglês) no QR Code a seguir.



Outra área na questão ambiental fundamental para o setor de saúde é a de resíduos, pois o montante de resíduos produzidos por hospitais, clínicas e laboratórios é enorme, e muitas vezes, não são observados os protocolos para o seu descarte adequado, o que requer ações por parte dos gestores que envolvam capacitação das equipes envolvidas nesse processo, inclusive os terceirizados.

1.2. Fator social

No aspecto social, Pereira *et al.* (2021) trazem que mudanças nas políticas de equidade e ações afirmativas estão sendo cobradas das empresas. Nesse sentido, entre os avanços da questão social nas empresas, está a inovação como resultado da diversidade.

Por sua vez, as questões que envolvem saúde e segurança, diversidade no local de trabalho, greves, trabalho infantil, situações que envolvem impacto nas operações das comunidades e na sociedade, por exemplo, também estão relacionados ao fator social.

De acordo com Périgo do Grupo Fleury, na área de saúde, o S de social também é considerado como S de Saúde. Nesse aspecto, destaca que é necessário olhar para dentro e para fora da empresa no contexto social. Internamente, espera-se que os colaboradores de uma empresa de saúde tenham, como premissa, um atendimento de saúde digno, moderno e focado em evidências científicas, ou seja, com foco na prevenção. Nesse sentido, programas de apoio à inclusão e à diversidade devem ser contemplados. Por sua vez, no aspecto externo, Périgo menciona que um dos principais alvos de práticas voltadas para o lado social do ESG é aumentar o acesso a serviços de qualidade, atendendo a todas as classes sociais (Périgo, s.d.).

1.3. Fator governança

No fator governança, estão as questões voltadas à gestão e ao conselho de administração, como a diversidade do conselho, reuniões do conselho, questões de agenda, corrupção e *compliance*, entre outros.

Pereira *et al.* (2021) destacam que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC, 2017), a governança corporativa é a forma como as instituições são geridas e incentivadas, compreendendo os relacionamentos entre todos os *stakeholders*, como sócios, diretoria, conselhos, colaboradores, órgãos de fiscalização e controle e demais partes interessadas. Uma política de governança bem estabelecida faz com que todos esses grupos dialoguem e determinem objetivos convergentes, tornando-se essencial para um bom desempenho dos negócios.

Por sua vez, Périgo, do grupo Fleury, cita que é desafiador levar o componente G para o cotidiano dos colaboradores da área da saúde. “Mas ele está lá em toda abertura de ficha, em toda receita médica, em toda análise financeira”, lembra. Ao valorizar a governança, valoriza-se também a ética e as melhores práticas para os pacientes. Leia o artigo completo acessando o QR Code a seguir.

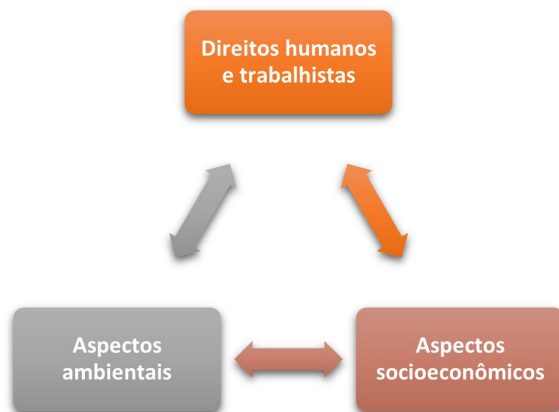


2. COMPLIANCE NA ÁREA DE SAÚDE

No Brasil, com a promulgação da Lei Anticorrupção e do Decreto n. 8.420/2015, a noção de *compliance* e os programas de integridade foram colocados em destaque, inclusive por poderem reduzir a pena das empresas em caso de violação da Lei Anticorrupção. A legislação anticorrupção contribuiu para a evolução do *compliance*, motivado principalmente pelo receio das sanções.

Compliance vai além do combate à corrupção e da promoção da transparência, da integridade e da ética empresarial. Ele coloca em evidência três variáveis distintas, demonstradas na Figura 13.3.

Figura 13.3 – Variáveis do *compliance*.



Vejamos o que diz o IBGC sobre o sistema de *compliance*:

O sistema de *compliance* permeia todos os níveis da organização. Nesse contexto, propõe-se uma visão holística desse sistema, que contempla a integração entre a identidade da organização, os agentes de governança e os demais elementos de *compliance*.

Os princípios básicos de governança corporativa relacionam-se diretamente com a identidade da organização, influenciando a deliberação ética e norteando a atuação dos agentes de governança e o funcionamento do sistema de *compliance* (IBGC, 2017, p. 32).

O sistema de *compliance* é composto por um conjunto de elementos que atendem a três finalidades básicas: prevenir, detectar e responder (IBGC, 2017, p. 32).

Os princípios básicos de governança corporativa estão baseados em transparência, equidade, prestação de contas e responsabilidade corporativa.

Importante destacar a diferença entre *compliance* e governança corporativa. Enquanto governança corporativa, numa definição simplista, caracteriza-se por alinhar os objetivos da alta administração aos interesses e valores da organização, *compliance* é, por outro lado, estar em conformidade com leis, normas, regras e regulamentos, sejam eles externos ou internos, domésticos ou internacionais.

O IBGC menciona que:

Governança corporativa é o sistema pelo qual as empresas e demais organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo os relacionamentos entre sócios, conselho de administração, diretoria, órgãos de fiscalização e controle e demais partes interessadas. As boas práticas de

governança corporativa convertem princípios básicos em recomendações objetivas, alinhando interesses com a finalidade de preservar e otimizar o valor econômico de longo prazo da organização, facilitando seu acesso a recursos e contribuindo para a qualidade da gestão da organização, sua longevidade e o bem comum (IBGC, 2017, p. 10).

Conheça na íntegra as orientações do IBGC no QR Code a seguir.



O sistema de *compliance* não é somente responsabilidade exclusiva de um gestor ou área específica, mas sim de todos os agentes de governança da organização.

Felipe, Sousa e Almeida (2023) colocam que os conceitos de ESG e *compliance* possuem pontos semelhantes no que concerne ao uso das boas práticas, gerenciamento de riscos e canal de denúncia, entre outros, mas têm características próprias.

Os autores mencionam que o emprego eficiente do *compliance* e do ESG passam sobretudo pelo estudo e pela aplicação de práticas envolvendo a responsabilidade social.

Nesse aspecto, na abordagem sobre responsabilidade social, o conceito de ESG tem uma abrangência maior e um foco mais concentrado nos três pilares que formam a sigla, os quais foram citados anteriormente.

3. EXPERIÊNCIAS INOVADORAS NA IMPLANTAÇÃO DO ESG

Ao falarmos de experiências inovadoras na implantação do ESG na área de saúde, serão abordados os estudos realizados pela Pricewaterhouse Coopers (PwC, 2021a; 2021b) sobre o tema, o qual trata do ESG nas organizações de saúde e no ramo farmacêutico.

Nesses estudos, a PwC menciona que os prestadores de serviços e as seguradoras de saúde adotaram historicamente o pilar social do ESG, mas poderiam ter benefícios ao investir também nos pilares ambiental e governança.

O Health Research Institute (HRI), que é o Instituto de Pesquisa em Saúde da PwC, analisou os esforços ESG de 45 sistemas de saúde e seguradoras e cons-

tatou que as seguradoras com fins lucrativos estão mais avançadas na adoção de estratégias ESG do que outros provedores e planos de saúde.

O Quadro 13.1 mostra os esforços ESG de seguradoras e provedores de serviços. A análise feita pelo HRI dos relatórios ESG (por exemplo, relatórios de responsabilidade social corporativa e sites de empresas) de 45 seguradoras e provedores fornece uma visão de algumas medidas adotadas pelas empresas do setor para desenvolver seus programas ESG, segundo a PwC (2021a, p. 2).

Quadro 13.1 – ESG em seguradoras e provedores de serviços

Pilares	Medidas adotadas
Ambiental	Neutralidade de carbono em 5-10 anos. Gestão avançada de resíduos, incluindo melhor eliminação de resíduos tóxicos e prevenção da resistência antimicrobiana.
Social	Contribuição financeira significativa para os determinantes sociais das estratégias de saúde e expansão do acesso à saúde para comunidades carentes. Investimento e atualização de tecnologias e talentos para proteção contra violações e ataques cibernéticos. Programas robustos de diversidade de fornecedores. Programas abrangentes de diversidade e inclusão, como programas de recrutamento e mentoria.
Governança	Relatório abrangente de responsabilidade social corporativa para monitorar e compartilhar o progresso mensurável em ESG. Nomeação de liderança ESG. Diversidade de gênero e raça nos conselhos de administração. Metas de equidade salarial. Políticas de ética, <i>compliance</i> e fraude.

Fonte: adaptado de PwC, 2021a.

No que tange ao segmento farmacêutico e de biociência, a análise feita pelo HRI dos relatórios ESG (por exemplo, relatórios de responsabilidade social corporativa e 32 sites de empresas farmacêuticas e de biociências) fornece também uma visão de algumas medidas tomadas pelo setor para desenvolver seus programas ESG, conforme mostra o Quadro 13.2.

Quadro 13.2 – ESG em segmentos farmacêutico e de biociência

Pilares	Medidas adotadas
Ambiental	Frota de veículos sustentáveis. Neutralidade de carbono em 5-10 anos. Gestão avançada de resíduos e redução de custos de fabricação por meio de investimento em fabricação contínua ou outras tecnologias.
Social	Contribuições financeiras significativas para medicamentos e terapias acessíveis a comunidades carentes. Adoção e incorporação precoce de diversidade em ensaios clínicos para pesquisa e desenvolvimento. Resiliência da cadeia de suprimentos baseada na diversidade de fornecedores e em avaliação de riscos. Esforços para melhorar a segurança do produto. Programas abrangentes de D&I (diversidade e inclusão), como programas de recrutamento e mentoria.
Governança	Relatório abrangente de responsabilidade social corporativa para monitorar e compartilhar o progresso mensurável em ESG. Nomeação de liderança ESG. Diversidade de gênero e raça nos conselhos de administração. Metas de equidade salarial. Políticas de ética, <i>compliance</i> e fraude.

Fonte: adaptado de PwC, 2021b.

Importante destacar que nos estudos realizados pela PwC e que o leitor poderá acessar pelo QR Code a seguir, 49% dos investidores de mercado estão dispostos a vender papéis de empresas que não demonstrarem ações concretas de ESG, e 79% dos *players* consultados mencionaram que os riscos de sustentabilidade são fatores cruciais para a tomada de decisões sobre investimentos.



Basílio (2023) menciona o relatório “ESG nos Hospitais ANAHP: resultados e boas práticas”, publicado pela Associação Nacional de Hospitais Privados, que mostra que o segmento tem avançado em critérios ambientais, sociais e de governança. De acordo com Basílio (2023), o estudo aponta que 193 projetos, de 42

instituições associadas, beneficiaram 4,2 milhões de pessoas direta ou indiretamente, sendo que 15,5 milhões ainda devem ser impactadas até 2030.

De acordo com Basílio (2023), os hospitais integrantes da associação já investiram mais de R\$119 milhões em iniciativas ligadas a educação, saneamento, energia, consumo responsável, combate à fome e sustentabilidade. Para conhecer o relatório da ANAHP na íntegra, acesse o QR Code a seguir.



Basílio (2023) comenta ainda que democratizar a inovação é um dos pilares do ESG, e, na área de saúde, isso significa promover equidade de acesso e cita a fala do pneumologista e diretor do Instituto Israelita de Responsabilidade Social (IIRS) do Hospital Albert Einstein, Guilherme Schettino, que “é preciso olhar para inclusão social pelo prisma da equidade em saúde”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As exigências de mercado são cada vez mais complexas e as empresas precisam se adequar a essas novas realidades e tecnologias que estão surgindo. Em consonância com essas expectativas, a preocupação com a responsabilidade social exige mais do que a necessidade de se adequar às normas regulatórias. Portanto, a adesão às práticas ESG é fundamental para a sustentabilidade das organizações, e nesse contexto, incluem-se as organizações de saúde.

Nesse aspecto, as lideranças devem focar na implantação e no monitoramento de práticas ESG, o que exige planejamento e metas de longo prazo em que a sustentabilidade seja pensada e exercida de forma global.

Por fim, considerando o exposto neste capítulo, os esforços de ESG no setor de saúde, como operadoras, provedores de serviços, hospitais, setor farmacêutico e de biociências, visam, sobretudo, ao cuidado de pacientes, à inovação e à criação de medicamentos, vacinas e dispositivos, cujo principal objetivo é salvar vidas.

REFERÊNCIAS

- BASILIO, P. *ESG com S de saúde: eficiência e acesso amplo são metas do setor*. 2023. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/esg-com-s-de-saude-eficiencia-e-acesso-amplao-sao-metas-do-setor/>. Acesso em: 2 set. 2023.
- COSTA, E.; FERREZIN, N.. ESG (*environmental, social and corporate governance*) e a comunicação: o tripé da sustentabilidade aplicado às organizações globalizadas. *Revista Alterjor (ECA-USP)*, v. 2, ano 11, ed. 24, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/187464>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- FELIPE, M. G.; SOUSA, C. A. G.; ALMEIDA, V. S. F. A aplicação do *compliance* e das práticas de ESG na segurança do paciente relacionada à infecção hospitalar para cumprimento da agenda da ONU para 2030. *UNISANTA Law and Social Science*, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: periodicos.unisanta.br. Acesso em: 26 ago. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA (IBGC). *Compliance à luz da governança corporativa*. São Paulo: IBGC, 2017. (Série: IBGC Orienta). 56 p. Disponível em: https://www.legiscompliance.com.br/images/pdf/ibgc_orienta_compliance_a_luz_da_governaca.pdf. Acesso em: 9 set. 2021.
- IRIGARAY, H. A. R.; STOCKER, F. ESG: novo conceito para velhos problemas. *Cad. EBAPE.BR*, v. 20, n. 4, jul./ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/YKyfRmPDHhtGm3LG8jW6DQM/#>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- PEREIRA, R.; MARCILIO, B. B.; GUERCIO, M. J.; TKIMOTO, T.; FIALHO, F. A. P. ESG: uma revisão integrativa. *XXIII ENGEMA*, nov. 2021. Disponível em: <https://engemausp.submissao.com.br/23/anais/arquivos/12.pdf?v=1681230097>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- PÉRIGO, D. *ESG na saúde*. Disponível em <https://futurodasaude.com.br/tudosobre/esg-na-saude/>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- PRICEWATERHOUSE COOPERS BRASIL (PWC). *Como as organizações de saúde podem incorporar as prioridades ESG. O que é certo para o mundo é bom para os negócios*. Out. 2021a. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/estudos/setores-atividade/saude/2021/como-as-organizacoes-de-saude-podem-incorporar-as-prioridades-esg.html>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- PRICEWATERHOUSE COOPERS BRASIL (PWC). *ESG para organizações de saúde. O que é certo para o mundo é bom para os negócios*. Out. 2021b. Disponível em: https://www.pwc.com.br/pt/estudos/setores-atividades/saude/assets/2021/ESG-para-organizacoes-de-saude-21_VF_19-10.pdf. Acesso em: 29 jan. 2024.

